



Revista FAMECOS: mídia, cultura e
tecnologia

ISSN: 1415-0549

revistadafamecos@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul
Brasil

JORON, PHILIPPE

A ciberpele do pornográfico

Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, vol. 21, núm. 1, enero-abril, 2014, pp. 5-
23

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=495551015002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Revista

FAMECOS

mídia, cultura e tecnologia

Cibercultura

A ciberpele do pornográfico

The ciberskin of pornographic

PHILIPPE JORON¹

Professor universitário em Sociologia, Diretor da Faculdade da Ciências do Sujeito e da Sociedade na Universidade Paul-Valéry, Montpellier III.
<philippe.joron@univ-montp3.fr>

Tradução de JUREMIR MACHADO DA SILVA

RESUMO

O ensaio busca analisar a circulação da pornografia na internet como um novo fenômeno social, ainda cheio de fronteiras a desbravar, desde que a pesquisa aconteça sem preconceitos morais e livre de clichês. Autores como Georges Bataille, Jean Baudrillard e Simone de Beauvoir fornecem uma base histórica, mas a reflexão está interessada no presente e aponta para as configurações do desejo e do sexo virtual num futuro muito próximo. O grande paradoxo parece ser a convivência de um processo de desmaterialização das relações sociais, o que tem evidentes consequências na indústria da pornografia, com uma série de novas estratégias individuais, íntimas e potencialmente libertárias em seu consumo.

PALAVRAS-CHAVE: Pornografia virtual. Sexo no ciberespaço. Sociologia da Internet.

ABSTRACT

This essay aims to analyze the circulation of pornography on the internet as a new social phenomenon, still full of borders to explore, since research happen without moral prejudice and free of clichés. Authors such as Georges Bataille, Jean Baudrillard and Simone de Beauvoir provide a historical basis, but the reflection is interested in the present and points to the settings of desire and virtual sex in a very near future. The great paradox seems to be the existence of a process of dematerialization of social relations, which has clear consequences in the pornography industry, with a series of new individual strategies, intimate and potentially libertarian in their consumption.

KEYWORDS: Virtual Porn. Sex in cyberspace. Sociology of the Internet.

Se eles se tornaram acessíveis a maioria e, sobretudo, admitidos na sua exploração, os universos da pornografia continuam marcados pelo segredo quando se trata de questionar as suas funções ou suas utilidades sociais. Paradoxalmente, parece mais fácil reconhecer o interesse pessoal na contemplação de cenas pornográficas do que questionar a relação que estabelecemos socialmente com o sexo em imagens, com a falta de pudor na sua evocação.

Assim que foge da esfera íntima, o sexo torna-se monstruoso, diforme e obsceno nas suas aparições explosivas. Em contato com o social e com suas linhas de conduta moral, ele é julgado obsceno por se deixar ver. É considerado diforme porque, fugindo da sua finalidade reprodutiva, ele brinca com a contaminação do desejo e do prazer. É, acima de tudo, sinônimo de monstruosidade quando deixa de ser o que deveria, segundo as convenções, quando sai das trilhas surradas e adquire singularidade, quando se torna o que é, retomando-se aqui uma aporia de Nietzsche, que serve também de matéria para reflexão em relação a uma exaltação militar em busca de novos recrutas: na superação, “torna-te o que tu és”². Essa analogia militar não é gratuita. Como em qualquer assunto relativo à “polemologia”, o sexo obriga a debater porque representa, antes de mais nada, o combate a ser travado com os outros, consigo mesmo, com a vida e com o sentimento de finitude que ela inspira.

Sem dúvida, não é tão simples quanto parece à primeira vista observar, sem intenções inquisitoriais, uma época, um ambiente social, cujo processo de liberalização dos costumes, no século passado, em palavras e atos, está profundamente entranhado em nossa abordagem atual da sexualidade, inclusive, nas suas ramificações mais obscenas. Em *O Erotismo*, Georges Bataille mostrou que todo processo de desencadeamento ou de liberação (uma vez que isto induz, logicamente, a promover um cotejo com os valores vigentes, situação da qual a análise minuciosa da sexualidade não pode escapar) sempre produz um duplo efeito sobre nosso meio social e natural: “Toda liberação afeta

igualmente o Bem e o Mal. Ela libera os costumes e as mentes, mas também os crimes e as catástrofes. A liberação do direito e do prazer acarreta inevitavelmente a do crime (o que Sade compreendeu muito bem e jamais foi perdoado por isso)³. Indiquei em outro texto⁴ que o erotismo, mesmo o dos corações românticos, necessariamente em confronto com as exações de uma moralidade que continua a impor a sua supremacia sobre tudo, alcança com Georges Bataille uma soberania que não respeita nenhum limite para fazer irromper uma comunicação verdadeira, sem concessão alguma, entre seres, cujos tormentos da carne agitada, anulam temporariamente a paz de espírito. Esse erotismo, segundo as suas diversas modalidades reconhecidas, na metade do século XIX, pelo heterólogo, mostra-se agora de corpo inteiro na alteridade eletrônica que faz e desfaz atualmente nossos vínculos na internet.

Apontar o dedo para uma sociedade que exprime o sexo e que reclama o diálogo sobre a sexualidade, significa também correr o risco de localizar e identificar comportamentos, práticas e imaginários sociais que trabalham incansavelmente pela exumação de um erotismo multiforme que se exibe escancaradamente e que não para de mostrar um voyeurismo com múltiplos focos. Tudo isso que se pode facilmente adivinhar no âmbito da intimidade, e parece não provocar discussão quando envolve consentimento e respeito, remete, contudo, a um espírito do tempo que coloca em rede nossa alteridade sexual nessas narrativas e nessas imagens liminares que nos conectam com os outros. A cibercultura antecipa e alimenta de agora em diante a extensão das nossas apetências sexuais. Em *Joie Tragique*, Vincenzo Susca (2011, p. 205) observa com razão que, se:

“

[...] a mídia eletrônica é a pele da cultura, é dela que saltam, como substâncias que proliferam, acumulações carnais, circulação de humores, contaminações entre corpos, de que Youporn é apenas uma marca extrema, ou seja, a alegoria da confusão orgiástica entre carne e pixels, essa dança extática que move a sociedade contemporânea.”⁵

Como muitas outras, mas com um modo próprio de utilização, a plataforma *Youporn* dá conta, com efeito, de uma prática do erotismo que preenche do seu jeito as lacunas de um jogo imediato, sem preliminares nem artifícios capazes de limitar as necessidades do momento.

O que a pornografia quer dizer

Referi-me antes aos universos da pornografia sem identificá-los com precisão e sem distinguir uns dos outros. Por definição, a pornografia remete à visualização do sexo, à evocação explícita de uma parte corporal ou de um contexto erótico que estimula o desejo e, portanto, ao compartilhamento iconográfico de situações, ambientes e práticas nas quais a transpiração sexual é mostrado entre preliminares e conclusões mais ou menos apressadas. Essa atividade carnal, caso se possa falar assim, na comoção do prazer que possibilita não deixa de ser um ativador simbólico de resgate permanente da nossa alteridade. Aplicada ao erotismo e à obscenidade, em que a pornografia bebe necessariamente, a advertência de Jean Baudrillard em matéria de alteridade ainda faz sentido: “Se o indivíduo não se confronta mais com o outro, é com ele mesmo que se defronta”⁶. Para além da alusão sexual que pode fazer rir, essa asserção indica a configuração antropológica das relações que estabelecemos com a pornografia levando em consideração a exibição do corpo na tela como um desafio para o corpo que deseja se exprimir.

Do ponto de vista da sua apreensão normativa ou subversiva pela arte e pela literatura, mas também pela religião, pela economia e pela política, a iconografia sexual passou por diversas fases de dilatação e de retração em contato com nossas fantasias em busca de experiências, por vezes rude e rugosa nas suas evocações rupestre⁷, frequentemente incisiva nas suas representações greco-latina⁸, sempre sugestivas nas suas transcrições judaico-cristãs, seguramente técnicas, artística e

filosófica nas suas libações orientais. Mais recentemente, a psicanálise, os estudos etnológicos e sociológicos, as utopias sociais ou ainda a evolução dos comportamentos, acompanhando as técnicas de produção e de difusão, cada vez mais elaboradas, contribuíram muito para a expansão dessa iconografia, estimulada por sobressaltos de entusiasmo e de contágio emancipador: dissecar a mente para liberá-la, abrir a sexualidade para conceder-lhe alguma escapatória, mostrar e partilhar coletivamente o que costuma ser escondido e íntimo, como que para nos desembaraçar de nossas obsessões passadas ou de nossos traumas presentes. Em primeiro lugar, exercer a sexualidade, em seguida, referir-se a ela, depois, representá-la, dando-lhe corpo, enfim, em outros espaços que não o das práticas convencionais fechadas, eis um prêmio que restava até hoje confinado unicamente ao luxo da intimidade, coberta por um prazer abortando seus impudores reprobatórios.

O desvelamento do sexo, a revelação dos limbos da sexualidade, a transfiguração do corpo em carne operada (operável e operante em termos de desejo e de prazer), tudo isso remete a práticas socialmente compartilhadas, aparentemente assumidas ou, até mesmo, reivindicadas alto e forte, que não deixam de esconder alguns paradoxos com os quais continuamos a debater-nos na falsa aparência das nossas certezas. A intimidade de uma relação durável entre dois seres é mais propícia à expansão, à descoberta, a soltar as rédeas, ou ela, ao contrário, impõe certa contenção no exercício das relações? O hiper-conhecimento do outro pode, às vezes, levar ao retraimento e ao desinteresse? Inversamente, por pouco que a situação ajude, um encontro casual pode acabar em prazeres inimagináveis que cada um dos amantes guardará no coração da sua memória corporal na esperança de revivê-los um dia. Nesse campo, nada é garantido.

Segundo a mesma linha de raciocínio, o fato de exprimir e de mostrar coletivamente os atributos do sexo numa orgiaquase indiferente e normalizada de signos explícitos

significa necessariamente sentir-se à vontade na troca interpessoal das suas evocações? Na realidade, para não fazer feio, ou não correr o risco da estar fora de sintonia, ou ainda para jogar o jogo da sedução, fazemos de conta que estamos totalmente descontraídos, levantando algumas barreiras de segurança quando se trata de pôr mãos à obra por medo, sem dúvida, de queimar os dedos ou de perder uma falange.

A pornografia que prostitui

Vemos que a abordagem social da sexualidade, mesmo se ela parece consagrada em palavras e em imagens cada vez mais banais e sem complexos, gera, quando acionada, zonas de turbulência no plano das relações interpessoais. Estamos mergulhados num movimento “societal” que faz referência ao sexo, que o exprime em palavras e imagens, que se o utiliza como porta-bandeira da liberdade de expressão e de troca, mas que exerce, entretanto, fortes restrições morais quando essas questões impregnam o universo das relações entre os indivíduos. As relações, consentidas ou forçadas, que estabelecemos com a pornografia são, sem dúvida, uma boa ilustração dessa dificuldade na qual nos encontramos para tentar resolver da melhor maneira possível tal paradoxo. Essa dificuldade, que, no seu tempo, a utopia comunitária de Fourier⁹ havia tentado reduzir a faíscas, aparece plenamente na dimensão social que damos à pornografia.

A produção da pornografia, seus objetos de aplicação, sua mercantilização e seus operadores (produtores e produtoras, diretores e diretoras, interessados e interessadas, consumidores e consumidoras, empresas de prestação de serviço e de *merchandising*, etc.) acabaram por fazer que ela seja sempre inapelavelmente associada à prostituição. Se essa confusão levava à criminalização dessas duas atividades por atentado aos bons costumes, tampouco havia relativização em relação às intenções atribuídas aos consumidores à espreita: prática de acanalhamento e de extravessão sexual no que

se refere ao consumo da prostituição; exercício da perversão, do prazer escondido e do onanismo no que diz respeito ao uso da pornografia. Além do atentado aos bons costumes e dos diversos tipos de desordem que lhes são imputadas, a prostituição e a pornografia produzem em conjunto algumas das cumplicidades mais resistentes na relação com dinheiro, exploração de pessoas, organização criminosa das suas hostes. Mas parece que nada é tão simples ou maniqueísta na vida. Essa evidência não consegue, contudo, ocultar um ponto de contato entre prostituição e casamento. Nos dois casos – poder, dinheiro, conquista ou manutenção de uma situação social – introduzem relações de vassalagem entre homens e mulheres, em detrimento dessas. Simone de Beauvoir notara, já na metade do século XX, algumas modificações nessa forma de sujeição pelo casamento, tornando assim a mulher moderna menos sujeita à desvalorização da sua imagem. Uma mulher cada vez mais independente economicamente sobrecregando a sua função reproduutora com o papel de produtora, mas sem obter o reconhecimento dos machos por essa dupla atuação.

Contudo, tanto para a prostituta quanto para a mulher casada, o “ato sexual” seria um serviço. A última serve vitaliciamente a um só homem. A primeira tem vários clientes que a pagam por tarefa. Aquela é protegida por seu homem contra todos os outros. Esta é defendida por todos contra a tirania exclusiva de cada um¹⁰. Se a associação do casamento com a prostituição é demonstrada, discutível, questionada pelo viés da falta de respeitabilidade das mulheres que vendem o corpo, o mesmo deve ocorrer entre prostituição e pornografia, evitando-se um menosprezo fácil em relação a esses dois tipos de atividade.

Sempre no *Segundo sexo*, Simone de Beauvoir estabelece uma distinção entre a prostituta rameira e a nobre hetaira, ponto de vista que pode nos ajudar a compreender o que está em jogo na pornografia contemporânea: “A diferença essencial é que a primeira vende a sua pura generalidade, ainda que a concorrência a mantenha

num nível de vida miserável, enquanto a segunda tenta ser reconhecida na sua singularidade"¹¹. A hetaira é a cortesã, a mundana, a cantora, a dançarina, a atriz, a cocota, aquela para quem "o homem declarou seu preço aos olhos do mundo"¹² cuja autoestima depende da ruína que provoca. A hetaira é a galante que, ao contrário da vagabunda, impõe a lei dos lençois, o dia e a hora em que serão desfeitos e sobretudo o eleito que retribuirá em forma de presentes e meios de manutenção tilintantes os serviços prestados. Perfumada, caprichosa, essa admirável escandalosa atravessa os séculos XVIII e XIX e vem até a "Belle Époque" antes de ser transformada pelo cinema em estrela entregando "a Mulher aos sonhos dos homens que, em troca, dão-lhe fortuna e glória"¹³. Simone de Beauvoir vai direto ao ponto quando se trata de interpelar nossa consciência em relação à mercantilização do corpo das mulheres, com um fio de admiração por aquelas que fazem disso a garantia de sua própria liberdade.

Mais singular que a palavra prostituta, o termo hetaira designa para ela "todas as mulheres que tratam, não apenas seu corpo, mas sua pessoa inteira como um capital a explorar"¹⁴. Que ela seja "starlette", modelo, periguete, *carl-girl* ou acompanhante, artista da sua vida ou mais um derivado do tipo Madonna-sem-calcinha, Britney virginal, herdeira Paris Hilton, Victoria Silvstedt roda-da-fortuna ou Lady Gaga espalhafatosa, invadindo nossas telas sob os auspícios do show-bizz, a hetaira reivindica o talento de agradar e de ser, em detrimento das suas concorrentes relegadas a estratégias de liquidação, a encarnação do desejo dos homens que lhe recompensam em parte com a admiração incondicional, mas fugaz, condicionada a intensidade dos holofotes que a iluminam.

Se queremos realmente admitir que a pornografia compartilha algo com a prostituição, temos de aceitar todo o simbolismo da hetaira descrito até aqui. Essa concessão é incontornável na medida em que a pornografia contemporânea conquistou seu espaço predileto naturalmente na internet, à vista de todo mundo,

enquanto, conforme a figura da hetaira, cada site faz tudo para se diferenciar, captar os diferentes gostos, oferecer temas sempre mais ousados, dos mais convencionais aos mais inesperados: compra de vídeos online, downloads gratuitos, galerias de fotos, *chat hotline*, espaços de troca, propostas de encontro, *gadgets*, *lingeries*, produtos afrodisíacos, etc. O conjunto de serviços *à la carte* permite aos utilizadores reunir, conforme o humor do momento, um desejo e um prazer de ocasião, num mosaico de ofertas que valoriza a descoberta das próprias inclinações eróticas.

Mas o que possibilita mesmo associar a pornografia ao simbolismo da hetaira, separando-a das regras da prostituição, é o fato de que aqueles que se mostram em imagens, posturas e situações consideras obscenas, oferecem-se ao desejo de cada um, limitando as práticas efetivas somente aos seus parceiros de exibição.

Como mostrei em outro texto a respeito do sacrifício¹⁵, o que está em jogo aqui tem a ver com três princípios de alteração baseada na substituição, na procura e na assimilação, fundamentos da utilidade social da pornografia. Se, como afirma Simone de Beauvoir, “a prostituta é um bode expiatório” já que “o homem despeja em cima dela a sua torpeza e a renega”¹⁶, a pornografia é por sua vez uma hetaira que se entrega às torpezas de todos, uma intocável que interpreta a renegada diante da descrença assumida ou dísplice daqueles que a desejam.

A pornografia como forma de libação artística

Antes da ascensão da internet no final do século passado, o acesso à pornografia era relativamente rudimentar no leque dos suportes de divulgação, pouco acessível à maioria como bem de consumo, mas sujeito à reciclagem e à passagem fraterna de mão em mão ou mesmo entre as gerações. A troca e o empréstimo em segredo faziam parte dos costumes. A pornografia limitava-se às revistas especializadas e aos filmes do gênero, os quais eram distribuídos, divulgados e consultados de modo confidencial,

por baixo dos panos, inicialmente; depois, nos *sex-shops*, nos videoclubes, nos centros de imprensa e, por fim, nas bancas de jornal. O exercício da arte e a sua apreciação podiam também servir de pretexto para se ter esboços, pinturas ou fotografias representando a voluptuosidade dos corpos distribuídos em poses lascivas, liberados das suas armaduras, vestimentas e do engessamento das posturas comportamentais.

Como indicava Simone de Beauvoir a propósito desses jogos proibidos, às vezes compartilhados por arte e prostituição, existe também uma pornografia de bom gosto, aquela que normalmente associamos ao erotismo, que enche os olhos, sem, contudo, prejudicar a boa postura moral dos que a elevam à condição de gênero artístico: “o ‘nu é casto’, afirmam os senhores que, sob o nome ‘de nu artístico’, colecionam fotos obscenas¹⁷.“ Esses tempos ficaram para trás – não que não existam mais senhores com tais ardores –, mas porque todos nós consumimos e produzimos situações pornográficas, ou julgadas como tal, que contribuem, do seu modo, para o andamento da nossa vida cotidiana. No caso, sempre podemos tentar estabelecer uma distinção segura entre o belo e o feio, o estético e o obsceno, a cultura e a natureza, o humano e o animal: cada uma dessas antinomias remetendo-se a algum canto hermético de nossa faculdade de julgamento, mas nada poderá, entretanto, impedir que se acasalem ou que circulem nas brechas das nossas barreiras morais fazendo com que aceitemos uma pela outra. O corpo, estetizado ou não, sempre é sugestão de um erotismo latente pronto para se entregar aos tremores de uma animalidade adormecida. Georges Bataille referia-se a essa regra desta maneira: “A beleza da mulher desejável anuncia as suas partes vergonhosas, justamente as suas partes pilosas, suas partes animais”¹⁸. O mesmo vale para o homem. Cabe a mesma dedução no que se refere à ausência (cultural, modal, ocasional) de pilosidade, denunciando, entretanto, outras zonas originais de ocupação.

Existiria então uma estética da pornografia que remete não apenas a sua apreciação como tema e forma de arte, mas também ao seu compartilhamento, podendo provocar

situações pornográficas nos receptores estimulados pelos jogos sexuais da obra. Se destaquei antes a relação estabelecida por Simone de Beauvoir entre prostituição e casamento, real, concebível, mas dificilmente aceitável, foi também para não silenciar sobre o vínculo entre pornografia e as regras prudentes da vida de casal. A pesquisa do IFOP¹⁹, realizada entre 30 de junho e 2 de julho de 2009, sobre a relação dos franceses com os filmes pornográficos²⁰, é interessante sob vários aspectos. Essa pesquisa, intitulada “Sexo, Mídia e Sociedade”, realizada com 1016 indivíduos de 18 anos ou mais, questiona em primeiro lugar, pelo fato de ter sido encomendada, a falta de estudos sociológicos sobre o tema. Existem, obviamente, dados à disposição sobre a sexualidade dos franceses, mas muito poucos enfatizam a utilização de suportes pornográficos na exploração dessas práticas sexuais. Pode-se suspeitar dessa pesquisa por ela ter sido encomendada pela Empresa Marc Dorcel na ocasião dos seus 30 anos de produção de vídeos. Mas ela é não apenas uma fotografia útil ao posicionamento do cliente que a encomendou no concorrido mercado da pornografia contemporânea, mas também um vetor publicitário importante para produtos que se querem “de alto nível” e inovadores, capazes de renovar o gênero em função das expectativas dos diversos públicos sondados²¹.

Deixadas de lado essas circunstâncias de estudo, o interesse da dita pesquisa reside essencialmente nas relações estabelecidas pelos franceses com os filmes pornográficos, no acesso e na utilização que fazem deles como estimulantes e agentes ambientais diante das práticas voltadas para a virtualidade de uma alteridade erótica, nos públicos que doravante os utilizam na intimidade sexual solitária ou compartilhada. Assim, a pesquisa revela a consagração da internet como principal meio de acesso a esses filmes, à frente do Canal Plus e dos DVDs comprados ou emprestados. Indica também que se o alvo principal continua a ser o público masculino, mais de oito mulheres em dez reconhecem já ter visto um desses filmes inteiro ou em parte; duas mulheres em três afirmam

que veriam um filme *pornô* com seus parceiros; uma em cinco aceitaria filmar sua própria relação sem objetivo de exibição necessariamente das imagens a outras pessoas.

Em resumo, certo número de clichês e de preconceitos desaba tanto no que diz respeito à prática social da pornografia de um modo geral, quanto no que se refere ao seu uso, solitário ou a dois, e a sua repartição em função dos dois sexos: “Ver filme pornô não é mais uma experiência vergonhosa e solitária, mas um assunto de casal”. Essa é uma das principais conclusões dos idealizadores da pesquisa. O fato de que as mulheres se interessam mais do que se imaginava por esse tipo de filme, que recorrem a eles na intimidade do casal, que sejam favoráveis a uma produção pornográfica com qualidade estética e com roteiros mais elaborados, tudo isso reforça o posicionamento do cliente no nicho do “Pornô-chique” que ele pretende liderar. A consagração estética da pornografia afiança a sua ampla aceitação social. Poderíamos desconfiar de uma manipulação disfarçada nesse tipo de argumentação que atribui certa aceitação a um suposto despertar da consciência feminina em relação a tais práticas. Outro raciocínio, também considerado falacioso, poderia ser igualmente denunciado sob alegação de que ele associa pornografia bruta e animalidade aos homens; pornô-chique e refinamento estético às mulheres. Apesar de tudo, essa pesquisa tem a virtude de recolher “coisas ditas” que, como as pretensões “bourdivinas”²² frente a um certo estruturalismo construtivista, sacodem os automatismos dicotômicos do pensamento.

Em contrapartida, o que a pesquisa não aborda, ou o faz apenas superficialmente ao referir-se à digitalização dos filmes pornográficos, são as relações dos franceses com os universos da pornografia na internet. Ora, esse vínculo não se restringe mais exclusivamente aos registros espaciais e temporais da intimidade individual, isto é, segundo faixas de tempo e de lugares circunstanciais propícios à exploração e à auto-exposição dos corpos. A tranquilidade do ninho, do quarto ou dos toaletes não é mais exclusiva no caso, como também não existe mais uma única contextualização

do consumo pornográfico. Quem poderia dizer com precisão (sabendo com Jean Baudrillard que “só é exato aquilo que se aproxima da verdade sem ter essa pretensão”²³) que o consumo de cenas pornográficas, estéticas e/ou vulgares, praticase apenas em momentos e lugares de intimidade delimitados por convenções do viver junto? Em casa? Na solidão? No ocaso? Quem poderia afirmar sem risco de erro que a pornografia nunca foi consumida à luz do dia sob os olhos daqueles que compartilham nossas ocupações cotidianas e/ou nossas confidências, fora de casa, em horários e locais de trabalho, nas horas de lazer? Antes, o jornal servia de esconderijo, de cobertura ou de capa para as revistas pornográficas no momento da sua compra, durante o seu transporte e na hora da sua “leitura”. Hoje, são os tablets digitais que servem de suporte para o desejo de carne virtual. Se a informática mudou as coisas, o que dizer do nomadismo eletrônico a não ser que ele revolucionou nossa abordagem da alteridade, do contato com o outro, da medida de si mesmo, tudo aquilo cujo acesso à pornografia da conta de modo extremo.

Tatilidade virtual e pornô-desmaterialização

Com o pornô-net, a pornô-cultura e o ciber-sexo, em resumo, com o sexo em estado de intumescimento midiático e comunicacional, experimentamos frontalmente as margens centrais de uma existência em choque com a alteridade que não para de denunciar o seu minimalismo. Critica-se, às vezes, a cibercultura pelo seu abismo, sua perda de sentido por excesso, deixando perceber, de parte dos usuários, uma existência em abstinência e falta. A obra de Jean Baudrillard enfatiza recorrentemente esse fatalismo: “Para além do sentido, há o fascínio que resulta da neutralização e da implosão do sentido. Para além do horizonte social, existem as massas, que resultam da neutralização e da implosão do social”²⁴. Hipercomunicação, transparência do sentido, diformidades da alteridade, transmutação do social em massas dilatadas na tela das redes eletrônicas.

Mas estar na internet não significa não estar na vida. A virtualidade não prejudica necessariamente os afetos, podendo sublimá-los onde a materialidade das relações humanas seria capaz de dissolvê-los. Da mesma maneira, ser pornô-conectado não desemboca na desertificação das relações sexuais e afetivas desejadas por todos. No máximo, dá para ver nisso uma existência “em repouso”²⁵ cuja sexualidade aparece em semeaduras, florações e colheitas comunicacionais. O pornô possibilita aberturas para além de si mesmo, provocando a domiciliação sexual dos outros. É uma escapada, uma espécie de defenestrção sexual a baixo custo que estimula, por algum tempo, a liberação dos próprios humores e estimula o vitalismo social que o alimenta. Temos aí o que Michel Maffesoli (1997) comprehende como uma fuga erótica, um escapismo pelos lados apoiando-se nas mais diversas expansões e aberturas do recalcado, uma forma de nomadismo sexual que contribui para a sustentação da estrutura social, sabendo-se que “por uma espécie de astúcia antropológica, o processo centrífugo tende a fortalecer a estabilidade do corpo social”²⁶. Por mais desmaterializada que seja, a pornografia eletrônica não deixa de ser uma imersão em comum, feita de múltiplas interconexões, no “húmus” humano, nessa parte de animalidade que nos magnetiza em contato com os outros.

Com o pornô, em todos os sentidos do termo, a gente vai à caça, alicia a si mesmo, examina os próprios desvãos nas calçadas da internet. De um clic a outro não é necessário atravessar a rua para sentir o que se tem nas mãos, testar as performances, avaliar os desempenhos, sondar os desejos. Aquilo que consumimos então exprime bem o que estamos dispostos a gastar de energia obscura para espreitar nossos menores desejos de satisfação. Aliás, não apenas o que consumimos, na medida em que uma parte de nós alimenta sites e blogs de todo tipo com suas próprias produções visuais sob o discutível registro do amadorismo, produções ou exercitações na tela do sexo “feito em casa”, que mostram total adesão ao desejo de exibição. Para quem gosta desses jogos, inventa-se uma apetência sexual sob o signo dessas descobertas.

O pornô é, ao mesmo tempo, o solvente e o adoçante de nossas fantasias: limpa-as, tira as gorduras e o pó, elimina os miasmas de uma sexualidade em si para diluí-los, em seguida, nas práticas exóticas vividas por procuração. Mas há muito mais do que isso. Com efeito, ele é um reservatório de conhecimentos, de atos, de entusiasmos imaginários e de ficções de natureza erótica, no qual bebemos alegremente, experimentando sozinhos, a dois, em grupo, diversas simulações ou invenções de acordo com as nossas inclinações mais secretas. Com o pornô tudo se torna possível, ou quase, desde que a imaginação se agite lá onde ainda patina uma tecnologia servindo ao corpo de prolongamento conquistador. Tudo se torna, de fato, provável, mesmo o inimaginável, no desabrochar de uma sexualidade contida, por enquanto, na ótica da reprodução a fim de garantir a continuidade da espécie.

Por meio do pornô, ainda mais na sua versão eletrônica, o sexo não para de se impor em posições que ainda o surpreendem, desviando funções, escancarando o desejo, com seres, objetos e materiais que chegam ao inconcebível. Em *Simulacros e simulações*, essa outra maneira de falar da hiper-realidade da nossa existência perpassada pelas tecnologias da comunicação, Jean Baudrillard (1981) compreendeu a sexualidade a partir de pontos de vista bem diferentes desses que habitualmente utilizamos por facilidade ou conveniência: “O sexo, como o concebemos, não passa de uma definição ínfima e especializada de todas as práticas simbólicas e sacrificiais às quais um corpo pode se entregar, não mais pela natureza, mas pelo artifício, pelo simulacro, pelo acidente. O sexo nada mais é que a rarefação da pulsão chamada desejo em zonas preparadas a priori”²⁷. Essa análise, adaptada aqui aos entusiasmos dos imaginários pornográficos, introduz uma ampliação da relação com o corpo sexuado cujas funções clássicas são congeladas ou deixadas em repouso, conforme o caso, cedendo lugar a outras experimentações, outros jogos eróticos, outras feridas também, com o risco de perder-se nos abismos mais profundos possíveis.

Justamente por ser tudo isso ao mesmo tempo é que o pornô é também um objeto de alívio, tanto do corpo quanto do espírito, quando encontramos nele semelhanças com o que produzimos secretamente. Imagens e cenas que podem ultrapassar o nosso entendimento das coisas e acionar em cascata a eliminação de complexos descobrindo formas de superação da culpa na medida em que outros fazem o que não conseguiríamos sem algumas palpitações ou conflitos. Também aí Georges Bataille pode ajudar quem deseja compreender nossa atração por um outro nós mesmos que se tornou fascinante na sua condenação: “O desejo do erotismo é o desejo que triunfa da interdição. Ele pressupõe a oposição do homem a si mesmo”²⁸. Nossa intimidade encontra a intimidade desses nossos outros eu anônimos, uma infinidade de intimidades em exibição, desnudas, oferecidas aos transbordamentos, avatares sublimados de nossa tendência à expropriação sexual de nós mesmos.

Doravante, o *clic* e o *pad* substituem a lambida no dedo e o controle remoto para virar a página ou congelar a imagem de uma pornografia em constante libação. Com a televisão, antes, e com a internet e as telas táteis, depois, elas mesmas em processo de desmaterialização, o contato com o material pornográfico não exige a mesma habilidade dos tempos em que se resumia ao papel impresso. Uma nova destreza passa por novas exigências, mais flexíveis, versáteis, palpáveis de outras maneiras. Mais fatigante também, tal é a abundância e a superposição de imagens que mexem com os nossos sentidos.

Com as revistas pornográficas, a qualidade do papel e da impressão participava da atmosfera, do olhar sobre os protagonistas e sobre si mesmo naquele momento, conforme a lisura ou a rugosidade das imagens vistas. Com a internet, tudo isso obedece a novas formas de apalpamento. O novo suporte informático multiplica ao infinito o acesso aos conteúdos. Mesmo trocando de mãos, continuamos manipulados por uma libido que roça a licenciosidade até a inevitável perda do controle. Num

instante, por força de uma superposição de links, um desnudamento na tela pode ocasionar uma excitação de urgência ou a uma emulação indevida do clitóris, embora o voyeurismo quizesse ainda se prolongar. Por mais esperado que ele seja, o desfecho continua em aberto.

A desmaterialização das relações e das redes sociais na internet vale também para a pornografia, que ganha velocidade e leveza na utilização e maleabilidade na alteridade que opera. Por mais paradoxal que isso pareça, essa virtualização torna o tocar mais preciso no uso das imagens tanto no que diz respeito ao foco quanto no que se refere ao rolamento das imagens. Como se o grânulo da pele virtual se liberasse do pixel que lhe dá existência na tela.

A hetaira eletrônica, mulher ou homem de exuberância carnal, produzida profissionalmente ou restrita ao amadorismo e ao artesanato domésticos, exibe sua plástica, submete-a a todos os tipos de manipulações visuais e táteis, em criações virtuais que a libertam do seu invólucro erótico inicial. Sem dúvida, pode-se ver nessa oferenda uma marca da sua monstruosa singularidade: ser única pela acumulação das fantasias coletivas na qual ela “deita e rola” sem a pressão do enlace concreto. Tudo o que está em jogo na ciberpele do pornô, exposta a todas as apalpações e a todos as esfregações possíveis, consiste em provocar a adesão dos desejos solitários em uníssono com uma transpiração comum. ●

REFERÊNCIAS

- BATAILLE, George. Les larmes d'éros. In: *Œuvres complètes*. Tome X. Paris: Gallimard, 1987.
- _____. L'Erotisme. In: *Œuvres complètes*. Tome X. Paris: Gallimard, 1987.
- BAUDRILLARD, Jean. *La Transparence du Mal. Essai sur les phénomènes extremes*. Paris: Galilée, 1990.
- _____. *Simulacres et simulation*. Paris: Galilée, 1981.
- BEAUVOIR, Simone de. *Le deuxième sexe*. Tome 2: L'expérience vécue. Paris: Gallimard, 1949.

- BOURDIEU, Pierre. *Choses dites*. Paris: Les Editions de Minuit, 1987.
- JORON, Philippe. L'amour est sur le pré. Georges Bataille et l'érotisme armé. In: *Les Cahiers européens de l'imaginaire*. Paris: CNRS Editions, 2012.
- KHAN, Masud. *Passion, solitude et folie*. Paris: Gallimard, 1985.
- MAFFESOLI, Michel. *Du nomadisme*. Vagabondages initiatiques. Paris: Le Livre de Poche, 1997.
- SUSCA, Vincenzo. *Joie Tragique*. Les formes élémentaires de la vie électronique. Prefácio de Christian Salmon. Traduzido de italiano por Arianna Bruzziches. Paris: CNRS Editions, 2011.
- TACUSSEL, Patrick. *Charles Fourier*. Le jeu des passion. Paris: Ed. Desclée de Brouwer, 2000. (Coll. Sociologie du Quotidien).
- _____. *L'imaginaire radical*. Les mondes possibles et l'esprit utopique selon Charles Fourier. Paris: Les presses du réel, 2007. (Coll. L'Écart Absolu).

NOTAS

- ¹ Professor universitário em sociologia, Diretor da Faculdade da Ciências do Sujeito e da Sociedade na Universidade Paul-Valéry, Montpellier III. Membro do Conselho Nacional das Universidades, pesquisador do LERSEM-IRSA. Últimas publicações: *A vida improdutiva. Georges Bataille e a heterologia sociológica*. Porto Alegre: Editora Sulina, Col. Imaginário Cotidiano, 2013; *La fête à pleins bords. Bayonne: fêtes de rien, soif d'absolu*. Paris: CNRS Éditions, 2012; *La vie improductive. Georges Bataille et l'hétérologie sociologique*. Montpellier: PULM, Coll. Sociologie des Imaginaires, 2009; *Violences et communication*. Cahiers de l'IRSA, Montpellier: PULM, 2006. Contato: <philippe.joron@univ-montp3.fr>.
- ² <http://www.recrutement.terre.defense.gouv.fr/devenez-vous-meme>.
- ³ Baudrillard, Jean. *La Transparence du Mal. Essai sur les phénomènes extremes*. Paris: Galilée, 1990, pp. 113-114.
- ⁴ Joron, Philippe. "L'amour est sur le pré. Georges Bataille et l'érotisme armé", in: *Les Cahiers européens de l'imaginaire*. Paris: CNRS Editions, 2012.
- ⁵ Susca, Vincenzo. *Joie Tragique. Les formes élémentaires de la vie électronique*, prefácio de Christian Salmon, traduzido de italiano por Arianna Bruzziches. Paris: CNRS Editions, 2011, p. 205.
- ⁶ Baudrillard, Jean. *La transparence du mal*. Essai sur les phénomènes extremes. Paris: Galilée, 1990, p. 127.
- ⁷ Cf. Bataille, George. Les larmes d'éros, in *Œuvres complètes*, Tome X, Paris: Gallimard, 1987.
- ⁸ Como as imagens dos mosaicos e dos grafites encontrados sobre as paredes das casas privadas ou dos edifícios públicos da cidade de Pompeia.
- ⁹ Cf. Tacussel, Patrick. *Charles Fourier. Le jeu des passion*. Paris: Desclée de Brouwer, Coll. Sociologie du Quotidien, 2000; *L'imaginaire radical*. Les mondes possibles et l'esprit utopique selon Charles Fourier. Paris: Les presses du réel, Coll. L'Écart Absolu, 2007.
- ¹⁰ Beauvoir, Simone de. *Le deuxième sexe*, Tome 2: L'expérience vécue. Paris: Gallimard, 1949, p. 377.

- ¹¹ Beauvoir, Simone de. *Le deuxième sexe*, Tome 2: L'expérience vécue, Paris: Gallimard, 1949, p. 389.
- ¹² Beauvoir, Simone de. *Le deuxième sexe*, Tome 2: L'expérience vécue, Paris: Gallimard, 1949, p. 389.
- ¹³ Beauvoir, Simone de. *Le deuxième sexe*, Tome 2: L'expérience vécue, Paris: Gallimard, 1949, p. 390.
- ¹⁴ Beauvoir, Simone de. *Le deuxième sexe*, Tome 2: L'expérience vécue, Paris: Gallimard, 1949, p. 391.
- ¹⁵ Joron, Philippe (Org.). *Violences et communication*, Cahiers de l'IRSA, Montpellier: PULM, 2006: "La communication sacrificielle", pp. 245-264.
- ¹⁶ Beauvoir, Simone de. *Le deuxième sexe*, Tome 2: L'expérience vécue, Paris: Ed. Gallimard, 1949, p. 376.
- ¹⁷ Beauvoir, Simone de. *Le deuxième sexe*, Tome 2: L'expérience vécue, Paris: Ed. Gallimard, 1949, p. 390.
- ¹⁸ Bataille, Georges. *L'Erotisme*, in *Oeuvres Complètes*, Tome X, Paris: Ed. Gallimard, 1987, pp. 142-3.
- ¹⁹ IFOP Intitut français d'Opinion Publique.
- ²⁰ http://www.ifop.com/?option=com_publication&type=poll&id=932.
- ²¹ Isso mostra também que o sociólogo, ideologicamente desinteressado em função da sua neutralidade axiológica e materialmente sem recursos nas suas lides universitárias, está quase sempre atrasado em relação aos temas que demandam urgência no tratamento ou que dão vez a algum benefício econômico ou político. O tempo e o dinheiro fazem a diferença gerando, às vezes, frustração. Mas se ele se cantata com uma interpretação a posteriori sobre dados de outros (coletados por jornalistas e institutos de pesquisa), resta-lhe o luxo de estabelecer tendências a partir de fatos que lhe parecem oportunos e de acordo com procedimentos pertinentes à sua especialidade.
- ²² Cf. Bourdieu, Pierre. *Choses dites*. Paris: Les Editions de Minuit, 1987.
- ²³ Baudrillard, Jean. *Simulacres et simulation*. Paris: Galilée, 1981, p. 161.
- ²⁴ Baudrillard, Jean. *Simulacres et simulation*. Paris: Galilée, 1981, p. 128.
- ²⁵ Khan, Masud. *Passion, solitude et folie*. Paris: Gallimard, 1985, pp. 219-226.
- ²⁶ Maffesoli, Michel. *Du nomadisme. Vagabondages initiatiques*. Paris: Le Livre de Poche, 1997, p. 121.
- ²⁷ Baudrillard, Jean. *Simulacres et simulation*. Paris: Galilée, 1981, p. 170.
- ²⁸ Bataille, Georges. *L'Erotisme*, in *Oeuvres Complètes*. Tome X, Paris: Gallimard, 1987, p. 250.

Recebido em: 04 abr. 2014

Aceito em: 14 abr. 2014

Endereço do autor:

Philippe Joron <philippe.joron@univ-montp3.fr>
 Faculdade da Ciências do Sujeito e da Sociedade
 Universidade Paul-Valéry, Montpellier III
 Montpellier, França